



A EXPERIÊNCIA DE INCLUIR NOS ANOS INICIAIS ATRAVÉS DA PRÁTICA COM O PIBID.

Juliana Dias de Oliveira dos Santos;

jjubs.kr@gmail.com

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo apresentar através de um relato de experiência pautado nas discussões nacionais sobre inclusão o processo de desenvolvimento de crianças com deficiência da Escola Municipal Eliezer de Carvalho Rios, localizada em Balneário Cassino em Rio Grande – RS, em uma turma de 1º ano em que atuo como bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID.

Ao falar de inclusão no Brasil tem-se grande tensão sobre o que realmente acontece dentro das instituições de ensino, pois quando pensamos em uma “escola inclusiva” esta está inteiramente ligada a preparação e formação de todo corpo docente e de funcionários da instituição, pois como sabemos, um único educador, não consegue contemplar toda a complexidade de um/a educando/a com necessidades especiais, já que estes muitas vezes transcendem o que qualquer formação acadêmica pode nos instruir para, como diz, acentua a declaração de Salamanca “A preparação adequada de todo pessoal da educação constitui um fator-chave na promoção do progresso em direção às escolas inclusivas”.

Objetivos

Relatar as experiências vivenciadas através das inserções na Escola Municipal Eliezer de Carvalho Rios, em uma turma de 1º ano cujo inclui e alfabetiza dois educandos com necessidades especiais, um com Síndrome de Down e outra com Transtorno do Espectro Autista - TEA.

Discussão Teórica

Na história da humanidade ao pensar sobre pessoas com deficiência segundo Facion (2005) temos quatro grandes momentos, o primeiro é denominado de exclusão no



qual pessoas com deficiência eram abandonadas e por vezes mortas, consideradas indignas à educação ou a vida. A segunda fase, a segregação, que no século XX atendeu pessoas com necessidades educativas e especiais (NEE) em instituições separadas das comuns, onde havia um programa próprio e o auxílio de especialistas. A terceira fase foi a da integração, final da década de 1960 e início de 1970, este período se caracteriza por ter uma mudança na ideia de educação “integrada”, aceitando crianças com deficiência em escolas regulares, fazendo-se presentes em sala de aula junto com os demais, porém, com o desafio de ela mesma adequar-se ao programa escolar.

A quarta fase teve seu início na década de 1980, inclui a ideia de inclusão, a necessidade de educar formalmente alunos com deficiência no ensino regular, procurando maneiras de promover desenvolvimento das capacidades em busca da autonomia. Nesta mesma linha, para a regularização dos direitos das pessoas com necessidades especiais tivemos três grandes acontecimentos, sendo estes a Declaração dos Direitos Humanos em 1948, a Conferência Mundial de Educação para Todos de 1990, na Tailândia e a conferência organizada pela UNESCO em cooperação com o governo da Espanha, a Declaração de Salamanca de 1994 já citada, e serviu como referência para pautar estudos como suporte teórico-pedagógico pois esta visa a garantia da igualdade, efetivando o processo de inclusão. (GUEBERT, 2007).

Nos dias atuais falar de educação inclusiva se torna uma discussão da prática, pois é dentro do espaço escolar onde a inclusão acontece, como diz Carvalho:

Em síntese, há que examinar todas as variáveis do processo educativo escolar, envolvendo as pessoas da escola (educadores, gestores, alunos, apoio administrativo); o ambiente físico (em termos de acessibilidade), os recursos financeiros e materiais (origens, quantidades, periodicidade de recebimento, manutenção de equipamentos e instalações), os graus de participação da família e da comunidade (parcerias), a filosofia de educação adotada (se tradicional ou não), o projeto político pedagógico construído pela comunidade escolar (natureza do documento, autores, destinação), a prática pedagógica (se mais centrada no ensino ou na aprendizagem), os procedimentos de avaliação (formativa, somativa, formal, informal), dentre outros aspectos. (Carvalho 2003, p. 61)

Nesta perspectiva sabemos o quão desafiador é para o profissional de educação lidar com uma turma mista a fim de atender todas as especificidades de seus educandos,



tanto dos sem deficiência quanto dos inclusos que necessitam de atenção diferenciada, material apropriado, constante valoração do interesse, buscando que aquele pequeno indivíduo sinta-se pertencente ao espaço escolar, já incluindo a difícil tarefa de organizar as relações para que o educando com deficiência se sinta querido e consiga estabelecer relações dentro da sala de aula. Segundo Correia (1999):

São grandes as responsabilidades cometidas ao professor do ensino regular: espera-se que utilize estratégias e desenvolva atividades de ensino individualizado junto da criança com NEE, mantenha um programa eficaz para o resto do grupo e colabore na integração social da classe. Sem a formação necessária para responder às necessidades educativas destes alunos, não conhecendo muitas vezes a natureza dos seus problemas e as implicações que tem no seu processo educativo, os professores do ensino regular não lhes podem prestar o apoio adequado. (Correia, 1999, sp)

Para uma melhor compreensão do relato que desejo fazer, é necessário entender quem são estes indivíduos e quais são suas necessidades dentro desta realidade escolar. A Síndrome de Down é decorrente de uma alteração genética durante ou logo após a concepção, esta alteração tem como característica a presença a mais do autossomo 21 ou seja, ao invés do indivíduo apresentar dois autossomos, um do pai e um da mãe, este apresenta três.

O cariótipo ou retrato preparado do padrão de cromossomos indica a presença de um cromossomo extra no par 21. Tal condição leva à deficiência mental moderada ou leve, acrescida de vários problemas de audição, formação do esqueleto e de coração (KIRK e GALLAGUER, 2002, p. 129).

O Transtorno do Espectro Autista a partir do Manual de Saúde Mental (DSM5) TEA é uma condição geral para um grupo de desordens complexas do desenvolvimento do cérebro, antes, durante, ou logo após o nascimento. Estes distúrbios se caracterizam pela dificuldade na comunicação social e comportamentos repetitivos. Apesar de pessoas com TEA terem dificuldades semelhantes estas serão afetadas de formas diferentes, tornando ainda mais complicado o processo de alfabetização e socialização no espaço escolar, pois cada criança com TEA diferente da outra. Segundo Gauderer (1993) autismo define-se como:

Uma inadequacidade no desenvolvimento que se manifesta de maneira grave durante toda a vida. É incapacitante e aparece tipicamente nos



três primeiros anos de vida. Acomete cerca de cinco entre cada dez mil nascidos e é quatro vezes mais comum entre meninos que meninas. É encontrada em todo mundo e em família de qualquer configuração racial, étnica e social.[...].Os sintomas [...] incluem:

1. Distúrbio no ritmo de aparecimento de habilidades físicas, sociais e lingüísticas;
2. Reações anormais às sensações. As funções ou áreas mais afetadas são: visão, audição, tato, dor, equilíbrio, olfato, gustação e maneira de manter o corpo;
3. Fala e linguagem ausentes ou atrasadas. Certas áreas específicas do pensar presentes ou não. Ritmo imaturo da fala, restrita compreensão de idéias. Uso de palavras sem associação com o significado. 4. Relacionamento anormal com objetos, eventos e pessoas.

Respostas não apropriadas a adultos ou crianças. Objetos e brinquedos não usados de maneira devida. [...] A pessoa portadora de autismo tem uma expectativa de vida normal. Uma reavaliação periódica é necessária para que possam ocorrer ajustes necessários quanto às suas necessidades, pois os sintomas mudam e alguns podem até desaparecer com a idade. (GAUDERER, 1993, p. 3, 4).

Um pouco sobre a experiência

Vivenciar uma educação inclusiva está sendo extremamente importante para a minha formação profissional. O aprendizado que venho tendo observando a prática da professora regente e interagindo com a turma, tem acrescentado para a formação do meu eu professor uma nova visão de docência e educação, reforçando toda a teoria e aprendizado que a universidade proporciona. Porém, a dificuldade de atingir afetivamente e educacionalmente estas crianças é uma constante reflexão e movimento de interesse.

Desde o início das inserções em abril de 2017 até o momento atual foi possível observar grande avanço nos dois educandos, mesmo com suas necessidades diferenciadas. **E** nosso educando com Síndrome de Down, no início do ano letivo mal se comunicava com os colegas, era extremamente recluso ao seu mundo e a sua monitora, cujo tem um relacionamento de imenso apego e carinho. **E** não interagia, se recusava a fazer qualquer atividade proposta, qualquer aproximação era rejeitada por ele.... Hoje, o cenário se mostra diferente, o educando citado participa das atividades, respeitando seu espaço e tempo, participa das apresentações escolares, realiza as atividades propostas, ensina seus colegas sem deficiência e ainda dita as regras em sala. Uma das “manias” que acabou por cativar toda a turma, é que toda vez que o mesmo tem que entrar em sala de



aula, este bate à porta e todo mundo grita “Quem é?” E ele responde “É o Dudu” e entra sorridente.

Quando se trata de *L* o discurso se torna complicado, pois ela é extremamente reclusa e tímida, não gosta de muito contato físico ou folia, prefere ficar imersa em seus pensamentos e brincadeiras solitárias na maioria das vezes. Lembro-me do momento que tentei uma aproximação através da brincadeira, pegamos algumas panelinhas e bonecas, brincamos por cerca de 2h, porém, ainda assim, não fora suficiente para ela. Existiu um momento em que eu queria interagir com os outros educandos e ela não me permitia, clamava por minha presença e atenção, e este foi um dos momentos em que eu não soube como agir ou o que dizer a ela, com isto, pedi auxílio a monitora da turma que conseguiu contornar aquela situação, assumindo meu lugar na brincadeira, mas, ainda hoje toda vez em que me aproximo, ela relembra aquele momento, acredito que como quem diz “Eu ainda lembro que você não quis mais brincar aquele dia”. Quando isso acontece duvido que minha prática enquanto docente seja estruturada para lidar com essas situações, de uma forma que transmita conforto e não medo.

L costuma ter problemas com gritos e escuro, e isso faz com que ela nunca queira participar das atividades do pátio, brincadeiras e cirandas que costumamos realizar com os educandos, e se sinta extremamente excluída na hora do intervalo, onde acaba por isolar-se em lugares onde se sente segura ou agarrar-se em quem lhe passe segurança, e esta pessoa costuma ser a monitora da turma que por recomendação passou a ficar com os dois durante o horário de intervalo.

A EMEF. Eliezer de Carvalho Rios, por ser uma escola inaugurada a pouco mais de 1 ano, não possui uma Sala de Recursos Multifuncionais (SRMF), porém, com muito esforço e dedicação a professora regente juntamente com o grupo de bolsistas, ao todo 6, esforçam-nos para garantir uma aprendizagem lúdica para ambos os educandos. Em conjunto desenvolvemos jogos, atividades com desafios que os instiguem, ensinamos através da música, da corporeidade e brincadeira.

O brincar proporciona a aquisição de novos conhecimentos, desenvolve habilidades de forma natural e agradável. Ele é uma das necessidades



básicas da criança, éssencial para um bom desenvolvimento motor, social, emocional e cognitivo. (MALUF, 2003, p. 9).

Seguindo essa perspectiva educacional ao fazer um balanceamento do aprendizado e evolução dos educandos neste trabalho relatados, estes tiveram ótimos resultados. *E* hoje reconhece as vogais e algumas consoantes tanto pelo som, quanto pelo código, teve melhora considerável na fala e na relação com os colegas enquanto *L* senta em dupla com um colega não deficiente, realiza as tarefas propostas, e com auxílio da monitora ou de alguma bolsista escreve o próprio nome e a data que é redigida ao quadro todos os dias, foi observado também a melhora com a participação nas brincadeiras, *L* mesmo com seus anseios agora participa das danças e cantigas em sala de aula.

Conclusões Finais.

O PIBID enquanto oportunizador da prática docente dentro da universidade tem sido determinante em minha caminhada profissional auxiliando em sua totalidade para a construção do meu eu docente, que hoje se constitui em uma práxis dialética, inclusiva, lúdica e amorosa. O maior aprendizado que o PIBID me proporcionou em todos esses anos foi o amor, amor ao intelecto, as diversidades, a educação. Incluir, no Brasil hoje é importante e necessário para o avanço educacional e humano do país pois, rejeitar uma realidade tão presente nas escolas regulares, é fechar os olhos para o aprendizado mútuo e para a diversidade educacional.

Palavras Chave: Inclusão. Experiência. Escola. Síndrome de Down. Autismo.



Referências:

CARVALHO, R.E. Removendo barreiras para a aprendizagem. Educação inclusiva. 3 ed. Porto Alegre: Mediação, 2003.

CORREIA, Luís de Miranda. Alunos com necessidades educativas especiais nas classes regulares. Porto Codex, Portugal: Porto Editora, 1999. (Coleção Educação Especial, 1).

FACION, J. R. Inclusão Escolar e as suas Implicações. Curitiba: IBPEX, 2005.

GAUDERER, E. Christian. Autismo. [S.I]: Atheneu, 1993

GUEBERT, Mirian C. C. Inclusão: uma realidade em discussão. 2 ed. Curitiba: IBPEX, 2007.

MALUF, Ângela Cristina Munhoz, Brincar prazer e aprendizado. Petrópolis, RJ:Vozes,2003.

UNESCO. Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais. Brasília: CORDE, 1994.